

O potencial do rádio no processo educativo e dialógico

Isys Helfenstein Remião

Introdução

Atualmente as novas tecnologias estão muito presentes na vida de crianças e adolescentes, influenciando em seus modos de viver, aprender e perceber o mundo à sua volta.

Meios de comunicação tradicionais, como o jornal e o rádio, utilizados em processos de educação popular e comunitária no século passado podem ser ressignificados com as novas possibilidades tecnológicas. Experiências de educadores e comunicadores, como Mario Kaplún e Paulo Freire, foram pioneiras ao incluir os meios de comunicação no processo de aprendizagem e forneceram as bases para a constituição do campo da educomunicação. O uso de recursos da comunicação na educação se feita com o objetivo de melhorar o coeficiente comunicativo dos estudantes pode contribuir para uma educação de qualidade no século XXI.

Para contextualizar a história do rádio na educação, o artigo aborda experiências das décadas de 60 e 70 que revelam a potencialidade desta mídia nos seus diferentes formatos, pois não há uma única forma ou conteúdo, o que há é uma intencionalidade educativa. E apresenta uma pesquisa de campo desenvolvida na Escola pública estadual Prof.^a Vilma Catarina Mosca Leone, de ensino médio, situada no município de Praia Grande, estado de São Paulo, que desenvolve um projeto de rádio desde 2014.

Os jovens passam parte da sua vida no ambiente escolar, por isso a escola é, ou deveria ser, entendida como um novo lugar social, um lugar de comunicação, de troca de sentidos e construção de diferentes identidades.

Somente assumindo os meios como dimensão estratégica da cultura hoje é que a escola poderá interagir com os novos campos de experiência surgidos da reorganização dos saberes, dos fluxos de informação e das redes de intercâmbio criativo e lúdico; pelas hibridizações da ciência e da arte, do trabalho e do ócio. (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 53)

Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa de campo é analisar se os estudantes envolvidos com o projeto de rádio compreendem o veículo como uma forma de diálogo entre os públicos da Escola. E os objetivos específicos são: identificar como se dá a produção de rádio feita pelos alunos; analisar se os assuntos abordados na rádio são escolhidos por eles; verificar se os professores participam da produção dos programas de rádio e, por fim, avaliar se o processo de produção da rádio dialoga com a educomunicação.

O procedimento metodológico utilizado foi a entrevista de natureza qualitativa, que permitiu a conversação entre o pesquisador e o grupo de estudantes pesquisado. A entrevista foi orientada por um roteiro de perguntas previamente estabelecido e, ao passo que o diálogo se

constituía, outros elementos puderam ser questionados e observados. A entrevista, realizada no dia 13 de novembro de 2015, foi gravada e aconteceu na própria escola, com o grupo de cinco jovens, os quais terão apenas o primeiro nome citado neste artigo.

A entrevista na pesquisa qualitativa, ao privilegiar a fala dos atores sociais, permite atingir um nível de compreensão da realidade humana que se torna acessível por meio de discursos, sendo apropriada para investigações cujo objetivo é conhecer como as pessoas percebem o mundo. [...] Deste modo, a entrevista dá voz ao interlocutor para que ele fale do que está acessível a sua mente no momento da interação com o entrevistador e em um processo de influência mútua produz um discurso compartilhado pelos dois atores: pesquisador e participante (FRASER e GONDIM, 2004, p.140).

Os pressupostos teóricos utilizados foram o de ecossistema comunicativo de Jesús Martín-Barbero (2004 e 2014) e de Ismar de Oliveira Soares (2011) em diálogo com o campo da educomunicação.

Rádio na América Latina – experiências pioneiras e inspiradoras

Mário Kaplún, comunicador argentino, fez história no Uruguai com o uso sociopolítico-educativo do rádio e rompeu com a verticalidade na comunicação entre emissor e receptor, possibilitando a interação entre os indivíduos para que esses se tornassem produtores de comunicação. Na década de 60, criou programas radiofônicos como o *“Jurado Trece”* (Jurado Treze) que convocava o envolvimento dos radiouvintes em debates com seus vizinhos e podia resultar até em uma manifestação pública dirigida para denúncias e exigências específicas. (PRETTO e TOSTA, 2010). Na década seguinte desenvolveu o método Cassete Fórum, dirigido à grupos de camponeses que discutiam seus

problemas utilizando e intercambiando cassetes de áudio, através da Central da Cooperativa (MORAN, 1993).

Kaplún teve como base do seu trabalho as ideias da Educação Libertadora de Paulo Freire, por isso acreditava que a denúncia não mudaria os hábitos de consumo dos meios pela população e apostava na prática de uso com finalidade educativa (LIMA, 2009). Em 1978, implantou na Venezuela o Projeto de Leitura Crítica no CESAP – Centro al Servicio de la Acción Popular¹ (MORAN, 1993).

No Brasil, no mesmo período, antecedendo ao golpe militar, alguns movimentos educativos ligados às camadas populares tiveram forte expressão, contribuindo para a Educação Popular, no seu campo teórico e de lutas ideológicas. Entre eles, estava o **MEB – Movimento de Educação de Base** – que merece destaque justamente por ter sido o único a utilizar o rádio como meio e instrumento para a sua atuação educativa e pedagógica. Paulo Freire foi uma grande influência com seus trabalhos teóricos e com a elaboração de uma metodologia para a alfabetização das grandes massas.

(...) a voz cega do rádio, pode parecer em si pobre como veículo de uma educação libertadora, radicada substancialmente em um intenso processo de comunicação ideológica. No entanto, observamos que programas radiofônicos, portadores de dados aparentemente limitados, na medida em que preveem temas significativos do povo, tornam-se capazes de mover uma viva atividade no interior das pessoas, acionando um rico esquema perceptivo com dados e experiências já adquiridos (CUNHA, 1970, p.3 apud PRETTO e TOSTA, 2010, p. 20).

1 O CESAP é um centro católico venezuelano de apoio às organizações populares, que atua principalmente na área da educação informal, de educação de grupos, a partir da perspectiva comunicacional.

Na prática de Educação Popular desenvolvida pelo MEB, os seus agentes empregavam técnicas, métodos e recursos, muitas vezes simples e artesanais, mas bastante criativos quanto à comunicação com o povo. Esses instrumentos e meios, na maioria das vezes, se utilizavam da própria história e da experiência em comum das pessoas envolvidas, tais como os recursos da tradição oral, baseados nas relações afetivas e interpessoais que as próprias comunidades criavam como formas de sobrevivência. O rádio no MEB possibilitou o uso das técnicas de comunicação, consideradas avançadas para a época, numa perspectiva de fazer educação à distância, e também a sua interação com as atividades locais, dentro das salas e nas comunidades (PRETTO E TOSTA, 2010).

Outra experiência de rádio aconteceu na cidade de Lima (Peru), num mercado de bairro pobre atendido por mulheres, que passaram a utilizar um gravador e um equipamento de áudio, que a princípio eram somente utilizados pelo administrador para fazer publicidade mas, com a ajuda de um grupo de comunicadores, as mulheres começaram a usar o gravador para fazer entrevistas com as pessoas do bairro.

Certo dia chegou uma pessoa da religião que dirigia as atividades sociais do bairro, que ridicularizou a ignorância e condenou a ousadia das mulheres que se atreviam a falar pelos auto-falantes. No dia seguinte, o grupo de mulheres se dirigiu aos comunicadores e disse: "Nós descobrimos que não sabemos falar, e nisso a Freira tem razão, mas também descobrimos que, com esse aparelho, podemos aprender a falar. E queremos fazê-lo, pois só os que sabem falar são os que têm direitos" (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.190).

Este último exemplo revela o potencial educativo e de formação cidadã do rádio, que se dá a partir do convívio humano, não somente pelo uso dos equipamentos e sim pela função social que eles exercem dentro de uma comunidade. É a estrutura dialógica da qual fala Pau-

lo Freire (apud PRETTO e TOSTA, 2010, p. 20), “pois há comunicação quando a linguagem dá forma à conflituosa experiência do conviver, quando se constitui em horizonte de reciprocidade de cada homem com os outros no mundo”. A intencionalidade educativa está justamente em colocar as comunidades em diálogo para que possam se retroalimentar de informações e conhecimentos através das experiências umas das outras.

Dessa forma, foi na América Latina que as experiências na área ganharam maior destaque com os movimentos de educação popular e comunicação alternativa, tendo como foco de trabalho a forma como as audiências reagem e se articulavam ao receber e ressignificar os conteúdos midiáticos (SOARES, 2011). O termo “educadores” aparece em dois livros de Kalpún, o primeiro em *El Comunicador Popular* (1985) e depois na sua atualização em *Una Pedagogia de la Comunicación* (1998). Em ambos Kalpún descreve esse ator social (o educador) que é chamado de “facilitador”. “(...) Claro está que Kalpún não inventou o educador. Talvez tenha inventado o neologismo”. (NEPOMUCEMO, 2012 p. 02 apud FREITAS, 2016, p. 58)

Um salto para 2015 - Projeto de rádio na escola estadual

Escutar é o método pelo qual a maioria das pessoas aprende, é o meio pelo qual se transmitem as tradições culturais, é o complemento recíproco de falar. A valorização da expressividade e do caráter da voz humana é, sem dúvida, uma das incumbências e responsabilidades mais relevantes de um sistema radioeducativo, no qual a ação de escutar e a ação de falar são integradas criticamente por professores, auxiliares, técnicos e comunicadores, em um intercâmbio de experiências que se proponham tê-las em comum (PRETTO e TOSTA, 2010, p. 20).

A Escola estadual Prof^a Vilma Catarina Mosca Leone está situada no município de Praia Grande/SP, em um bairro de vulnerabilidade social

que é o Jardim Melvi. No ano de 2015 atendia 526 alunos nos três anos do Ensino Médio, incluindo a modalidade EJA – Educação de Jovens e Adultos. Estava inscrita no Proemi² - Programa Ensino Médio Inovador - desde 2014, que previa como um dos macrocampos a “Comunicação, Cultura Digital e uso de Mídias”.

As atividades a partir desse macrocampo deverão desenvolver processos relacionados à educomunicação, para a criação de sistemas comunicativos abertos, dialógicos e criativos nos espaços educativos, que possibilitarão condições de acesso às diferentes mídias e tecnologias, ferramentas, instrumentos e informações que desenvolvam a ampliação da cultura digital e suas múltiplas modalidades de comunicação (Documento Orientador do PROEMI 2013, p.19).

O Programa nesse formato foi uma estratégia do Governo Federal, na época da presidente Dilma Roussef, para induzir a reestruturação dos currículos do Ensino Médio. Contava com oito macrocampos, três obrigatórios³ e cinco a serem definidos a partir das necessidades e dos interesses da equipe pedagógica, dos professores, da comunidade escolar e dos estudantes⁴.

Apesar da inscrição no Proemi, a escola não dispõe de recursos suficientes para o desenvolvimento de um projeto de educomunicação que considere a contratação de profissionais especializados, a forma-

2 O PROEMI foi instituído pela Portaria nº. 971, de 09/10/2009.

3 Os macrocampos obrigatórios são: Acompanhamento Pedagógico (Linguagens, Matemática, Ciências Humanas e Ciências da Natureza), Iniciação Científica e Pesquisa, Leitura e Letramento.

4 Os cinco macrocampos optativos são: Línguas Estrangeiras; Cultura Corporal; Produção e Fruição das Artes; Comunicação, Cultura Digital e uso de Mídias e Participação Estudantil.

ção de professores e o investimento em infraestrutura. Os recursos disponíveis são uma mesa de som com autofalantes e microfones, o que faz com que a rádio seja feita ao vivo nos intervalos. A coordenação do projeto fica a cargo de uma professora que ministra as matérias de português, geografia e artes.

A rádio é conduzida por cinco jovens das 1.º e 2.º séries do Ensino Médio, que têm entre 15 e 18 anos. Todos estudam de manhã e colocam a rádio para funcionar nos intervalos dos três períodos - manhã, tarde e noite. As tarefas são divididas entre eles, sendo dois locutores, dois jornalistas e um sonoplasta, porém relataram que, se necessário, assumem outras funções. As reuniões de pauta são realizadas às quartas-feiras na escola, mas os estudantes se reúnem regularmente na casa da professora para debater sobre os temas que serão abordados e pesquisados, os eventos que farão cobertura, a escolha das músicas e a gravação das vinhetas, já que na escola eles ainda não dispõem de computador para essas tarefas.

Além das atividades cotidianas da rádio foram estabelecidos combinados entre a professora e os alunos para o desenvolvimento do projeto, incluindo a participação deles nas atividades cotidianas da Escola. Por exemplo, se o estudante tirar três notas vermelhas é afastado do projeto por um mês, isso aconteceu com dois participantes que retornaram quando conseguiram recuperar as notas.

A escola também proporciona outros projetos e ações diferenciados, que vão além do ensino formal, restrito à mera transmissão de conhecimentos por meio de livros e apostilas. Um projeto de jornal está em andamento, oficinas de *hip hop* e fotografia foram realizadas para alunos e professores em parceria com uma organização social e aos finais de semana a escola abre suas portas para eventos da comunidade. O último realizado foi uma Mostra Literária, que aconteceu um dia após a pesquisa.

O projeto de rádio e a educomunicação

A mudança está na migração de um paradigma de conhecimento centrado na transmissão e na memorização ou na cópia dos modelos, para outro paradigma, onde o que importa é o ensaio e o erro, ou seja, a experimentação, via criatividade e busca múltipla, até obter descobrimentos. (PRETTO e TOSTA, 2010, p. 11).

Para Martín-Barbero (2004, p.343) temos um sistema escolar que não conquista os adolescentes para uma leitura e uma escrita criativa e enriquecedora de sua experiência e, além disso, “não percebe que existe uma cultura oral que constitui a matriz cultural fundamental entre os setores populares, que não pode ser confundida com analfabetismo”.

Diante da cultura oral da escola, o sistema encontra-se tão desprovido de modos de interação, e tão na defensiva, como diante da audiovisual. Isso pode ser percebido pois, tanto o mundo das piadas e das narrativas orais como o mundo do *rock* e do *rap* desnorream também, a partir de sua própria lógica, saberes e prazeres, ou o ascetismo triste do autismo livresco. (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.343)

O objetivo central da pesquisa foi avaliar se os jovens compreendem a rádio como uma forma de diálogo entre os públicos da escola e, para isso a questão da liberdade para expor suas ideias, escolher a programação e as músicas foi uma das questões que orientaram a conversa com o grupo.

“A gente já sabe que não pode ter palavrão nas músicas, então a gente está livre para isso, só na questão da informação, se a gente tiver dú-

vida se realmente precisa falar, a gente pergunta. Ela (a professora) dá muita liberdade para a gente” Estudante Stefanny⁵.

Essa liberdade pôde ser percebida também na forma como eles enxergam a rádio, a sua função social dentro da escola e, neste sentido, a estudante complementa sobre o que significa ter uma rádio na escola:

“É a comunicação com os alunos. Porque o que está acontecendo a gente passa aqui para eles, é aquela comunicação que o aluno sente falta, por não ter coragem de chegar na diretora e perguntar ou alguma coisa do tipo, então todos os recados que precisa a gente passa, e eles se sentem livres para chegar aqui e conversar, porque a gente é tudo da mesma idade e dos mesmos anos” Estudante Stefanny.

A partir desta perspectiva, a relação dialógica não é dada pela tecnologia adotada, mas essencialmente pela opção por um tipo de convívio humano. É uma decisão, que segundo Soares (2011), trata-se de uma intenção educativa, sendo a tecnologia definida a partir de princípios orientados pela democracia, diálogo, produção criativa e colaborativa, ou seja, com vistas à relação que se pretende estabelecer.

A educomunicação – enquanto teia de relações (ecossistema) inclusivas, democráticas, midiáticas e criativas – não emerge espontaneamente num dado ambiente. Precisa ser construída intencionalmente. O obstáculo maior é, na verdade, a resistência às mudanças nos processos de relacionamento no interior de boa parte dos ambientes educativos, reforçada, por outro lado, pelo modelo disponível da comunicação vigente, que prioriza, de igual forma, a mesma perspectiva hegemonicamente verticalista entre emissor e receptor (SOARES, 2011, p. 37).

5 Informação verbal da estudante da EE Prof.^a Vilma Catarina Mosca Leone, concedida em entrevista realizada em 13 de novembro de 2015.

“A professora veio com esta proposta de rádio para o 2.º ano e a gente se interessou porque é um negócio diferente, a gente que não fazia nada na escola, seria bom para interagir. A gente já conheceu muita gente, foi para muitos lugares e eu gostei, acabamos conhecendo outras pessoas da escola que a gente não conhecia. E é bom porque acaba conhecendo um lado das pessoas que a gente não conhecia, começa a ter um convívio melhor” Estudante Larissa.

“Nós cinco éramos tímidos e a rádio ajudou a gente a perder essa timidez. Então é um dos pontos positivos da rádio” Estudante Yuri.

Os alunos criaram uma caixa de sugestões para que outros alunos e professores possam interagir com a rádio, sugerindo músicas e temas. Esses temas podem ser pesquisados pelo grupo na internet, em livros ou na forma de cobertura jornalística. Acontecimentos da cidade, como a eleição para a União Municipal dos Estudantes, foi relatado por uma jovem como um momento de grande aprendizado, não só pelo evento em si mas por entender melhor a sua função na rádio.

“Quando fomos para a eleição da UMES a gente estava muito despreparado, a professora pediu para a gente entrevistar as pessoas, mas a gente não sabia as perguntas, então foi a primeira vez que a gente lidou com pressão, e quando você faz uma coisa correndo, vai lá e entrevista aquela pessoa, sem saber realmente quem era aquela pessoa e o que a gente ia perguntar, foi aí que levamos aquele choque, ok, temos que acordar, estamos na rádio. Essa é a parte mais legal, quando a gente vai entrevistar alguém, porque é toda aquela pressão e é uma coisa boa, porque a gente se prepara, depois para e escuta aquilo que você fez.” Estudante Stefanny.

Os temas emergem de assuntos/eventos corriqueiros da escola como o *Halloween*, em que os estudantes relataram que a partir da pesquisa descobriram o seu significado e a sua história. Esse é um dos maiores

eventos da escola, realizado anualmente com a participação de familiares, professores e alunos.

Quando um jovem percebe que existem outras formas de aprendizado que vão além da escola e que depende dele buscar esse conhecimento, outras habilidades podem ser descobertas. Não somente a perda da timidez, como colocado por eles, mas a responsabilidade que lhes cabe em apreender o que foi dito, compreender e transmitir para outras pessoas. Um evento como a criação da União Municipal dos Estudantes é um marco na cidade e contou com a participação de cerca de 150 jovens, incluindo o grêmio da própria escola e de outras estaduais e particulares. É uma oportunidade de enxergar um mundo sob outra ótica, a da cidadania e dos seus direitos, principalmente o de terem voz na sociedade.

É neste sentido que a escola deve se abrir para o ecossistema comunicativo que configura a sociedade ao mesmo tempo como modelo e trama de interações, conformada pelo conjunto de linguagens, escrituras, representações e narrativas que alteram a percepção das relações entre o tempo do ócio e o trabalho, entre o espaço privado e o público, penetrando de forma não mais pontual – pela imediata exposição ao meio ou pelo contato com ele – mas transversal, a vida cotidiana, o horizonte de seus saberes, gírias e rotinas (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 55).

Martín-Barbero (2014, p.122) defende que é pela existência do ecossistema comunicativo que o sistema educativo se tornou incapaz de conectar-se a tudo aquilo que os alunos devem “deixar de fora para estar-na-escola: seu corpo e sua alma, suas sensibilidades e gostos, suas incertezas e raivas.”

Por isso, encontrar em uma escola um projeto de comunicação que permita a liberdade e a expressão dos jovens não é uma tarefa fácil, não por culpa dos professores, nem dos alunos, mas por um sistema

que não está preparado para lidar com as emoções, com o que está fora dos livros e da sala de aula.

O papel da música é outro ponto importante quando se fala em projetos de rádio dentro das escolas. Se por um lado a escolha das músicas gera, em alguns casos, desconforto entre direção e professores com os alunos – por gostarem de gêneros muito diferentes e existir certo preconceito de ambos os lados – por outro lado, alguns professores têm a visão de que música não faz parte do aprendizado, não traz conteúdos que são interessantes para a aula ou para a vida. Uma rádio que toca música é apenas para “dispersão” ou “balderna” dos jovens, assim como acontece, por exemplo, com músicas de *funk* ou *rap*.

No entanto, a música significa muito mais do que diversão:

A música ocupa um lugar estratégico na vida dos jovens, como organizador social do tempo e conector geracional ou intergeracional por antonomásia. (...) é o que está dando forma ao amorfo tempo de ócio/sem trabalho, ou seja, ela permite aos jovens conectar-se entre si e a referências culturais, basta ver como milhões de jovens se reúnem ao redor do mundo, sem falar, só para compartilhar a música, para estar juntos através da comunicação corporal que ela gera (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 138).

“Toda segunda só passa música dos professores, eles gostam de músicas mais antigas, eruditas. Os alunos da noite, como têm alunos do EJA (Educação de Jovens e Adultos, grifo nosso), gostam mais de sertanejo, forró, MPB e de manhã e à tarde é mais eletrônico, alternativo, como são adolescentes” Estudante Stefanny.

“É bom porque a gente conhece outras músicas e aprende a gostar, até das músicas dos professores eu estou gostando” Estudante Yuri.

“Relaxa os alunos, da pressão das provas, ainda mais quando tem um cantor que eles gostam” Larissa.

É possível perceber nas falas dos alunos que a música gera a descoberta de si e do outro, do que gostam e não gostam e, o que podem aprender a gostar a partir desta relação intergeracional e da compreensão de quem é o outro, como citou Martín-Barbero (2014). Ambas as formas é possível caminhar para um convívio melhor no ambiente escolar.

Segundo Soares (2011, p. 37), um projeto educ comunicativo deve oferecer condições para que os jovens não apenas sejam capazes de “ler criticamente o mundo dos meios de comunicação, mas, também, de promover as próprias formas de expressão a partir da tradição latino-americana, construindo espaços de cidadania pelo uso comunitário e participativo dos recursos da comunicação e da informação”.

Considerações finais

Olhando sob a ótica da educ comunicação algumas considerações podem ser tecidas com o objetivo de amarrar as questões que nortearam essa pesquisa.

Considerando uma escola pública com poucos recursos materiais, mesmo sendo inscrita no Proemi, é notável o esforço da direção no sentido de proporcionar estratégias de comunicação e inovação com os públicos da escola. O projeto de rádio e os outros citados mostram que a proposta pedagógica da escola trabalha com elementos da educ comunicação. Mesmo sem formação específica ou sem uma ação organizada e integrada às diretrizes conceituais do campo. Existe a intenção educativa que utiliza os meios de comunicação para efetivar o diálogo, estreitar as relações e melhorar o convívio dos alunos. A pesquisa demonstrou que os alunos envolvidos com a rádio participam ativamente, utilizam de caixa de sugestões para ouvir os outros

alunos em relação a programação, destinam espaços na programação para músicas sugeridas pelos professores, divulgam ações e eventos da escola, pesquisam e aprendem sobre novos assuntos, dentro e fora da escola.

Muitas vezes as escolas não prezam pela comunicação e pela afetividade entre os envolvidos. Nesta escola há afeto, há amor, há cuidado e há sonhos. Segundo a diretora da escola: *“Se os professores perderem a capacidade de sonhar, como podemos esperar que eles incentivem os jovens a sonharem?”*⁶ Podemos afirmar, de acordo com a pesquisa realizada, que as iniciativas empreendidas pela Escola visam a liberdade e o diálogo no ambiente escolar. Com os relatos dos jovens foi possível perceber a vontade do fazer, porque este fazer os torna importantes, os desafia e faz com que se sintam em busca permanente do seu conhecimento. A responsabilidade de fazer algo importante, que tenha duração e que para isso outras pessoas possam assumir seus lugares com a mesma vontade é evidente em todas as falas.

“Como está começando agora o que eu mais quero é ver esse projeto dando certo, ver a gente se formando, saindo da escola e eu estar segura que tem pessoas capazes de cuidar dela e continuar neste ritmo” Estudante Stefanny.

“Daqui a dois anos não estaremos mais aqui e eu queria ver a gente chegando em casa e ver a rádio funcionando” Estudante Renan.

“Eu queria ver a rádio expandir para outras escolas, não só aqui na Praia Grande, mas em outras cidades” Estudante Yuri.

“Também queríamos colocar na internet as matérias para o aluno que faltou poder acompanhar, como uma vídeo-aula. Seria interessante porque eu tenho dificuldade com matemática, mas tenho que cuidar do

6 Informação verbal concedida pela diretora da EE Prof.^a Vilma Catarina Mosca Leone

meu irmão, então não consigo vir de tarde para o reforço, e vendo pela internet seria bem mais fácil” Estudante Stefanny.

O próprio espaço físico das escolas diz de uma comunicação que, às vezes, não acontece. Escolas com grades, muros altos, salas da direção e dos professores trancadas, intransponíveis. Como se dá a comunicação nesses espaços? Este é o maior desafio. No entanto, na escola Prof.^a Vilma Catarina Mosca Leone a sala da direção e dos professores ficam abertas, os alunos entram na escola ou ficam nela mesmo sem estar no seu período de aula. Esta é a política da escola.

Neste artigo, a ideia foi mostrar o potencial do rádio na educação, integrando pessoas e culturas, articulando projetos e estimulando a aprendizagem. Valorizando a cultura oral, valoriza-se a imaginação, o lugar que não é visto nem tocado, o lugar da fala e da escuta. Por isso foi importante retomar as experiências dos educadores e comunicadores como Mario Kaplún, Martín-Barbero e Paulo Freire que refletem a importância deste meio, o rádio, para promover uma educação dialógica e colaborativa.

Referências

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. *Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa*. In: Revista Paidéia, Ribeirão Preto, São Paulo: USP, 2004, p.139-152. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v14n28/04.pdf/>. Acesso em 26 de novembro de 2015.

FREITAS, Janaina Peixoto de; JUNIOR, José Carlos Ferrai. *Importância da sistematização dos conceitos educomunicação, TIC's e mídia na organização curricular*. In: SOARES, Ismar de Oliveira; VIANA, Claudemir; XAVIER, Jurema Brasil (orgs). *Educomunicação e Alfabetização Midiática: conceitos, práticas e interlocuções*. São Paulo: Abpeducom, 2016, p. 50-70.

CULTURA INFANTOJUVENIL NA PERSPECTIVA DA EDUCOMUNICAÇÃO

O potencial do rádio no processo educativo e dialógico

LIMA, Grácia Lopes. *Educação pelos meios de comunicação ou produção coletiva de comunicação, na perspectiva da educomunicação*. 1.ed. São Paulo: Instituto Gens de Educação e Cultura, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício de Cartógrafo – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. Tradução: Fidelina Gonzáles. Coleção Comunicação Contemporânea 3, São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. *A comunicação na educação*. São Paulo: Contexto, 2014.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Programa Ensino Médio Inovador: Documento Orientador*. Brasília: MEC, 2013. Disponível em: <https://goo.gl/dl1ZSS> Acesso em 07 março de 2017.

MORAN, José Manuel. *Leitura dos Meios de Comunicação*. São Paulo: Editora Pancast, 1993.

PRETTO, Nelson de Luca; TOSTA, Sandra Pereira. (orgs.). *Do MEB à WEB: o rádio na Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma no ensino médio*. São Paulo: Paulinas, 2011.

Sobre a autora

Isys Helfenstein Remião - Mestra em Comunicação Social pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: isysremiao@gmail.com